

INTRODUÇÃO

«*Entre as brumas da memória*»

Henrique Lopes de Mendonça, *A Portuguesa* (hino nacional desde 1911)

Este livro foi escrito a pensar nos leitores. O aviso prévio está feito. Não se procure nas páginas seguintes uma obra erudita capaz de suportar qualquer tese académica ou de piscar o olho aos especialistas. As *Frases que Fizeram a História de Portugal* são para todos, desde os curiosos da História, iniciados ou leigos, até aos simplesmente interessados... em coisas interessantes.

Temos um objectivo ambicioso: ajudar a recuperar das «brumas da memória» frases que estão coladas à pele dos portugueses e se tornaram numa espécie de senhas e contra-senhas da nossa identidade. E contá-las com os olhos postos no presente, ou seja, utilizando o contexto histórico como pretexto para a identificação de situações que, mesmo à distância de séculos, se tornaram familiares hoje em dia.

A matéria-prima é inesgotável e de uma riqueza fabulosa: a narrativa de Fernão Lopes, por exemplo, é uma lição de reportagem mais eficaz do que todo um semestre nas nossas universidades de jornalismo. Camões é outro poço sem fundo no que respeita às frases que fizeram a História de Portugal. Como Fernão Mendes Pinto, o padre António Vieira, Verney, Garrett, Herculano, Eça e outros mais próximos de nós no tempo, como Fernando Pessoa.

Apesar de existir essa mina onde ir buscar muitas e boas frases, a verdade é que uma recolha delas – boa ou má – que cubra a História de Portugal não existe. Os autores deste livro são ambos jornalistas e sabem como lhes teria dado jeito, ao longo da sua vida profissional, uma obra em que frases portuguesas pudessem ser encontradas em consulta rápida, confirmadas as datas, a autoria e o contexto em que foram ditas. A mesma necessidade é certamente de outras profissões ou de outra gente simplesmente com gosto por estas curiosidades. A verdade é que tal livro nunca foi feito. Mas, ao publicar este, sabemos que estamos a assinalar, desde logo, a caducidade do seu prazo: ele é só o primeiro degrau de uma série de recolhas de mais frases e melhor contextualizadas. Venham elas e nós ficaremos com o orgulho de Colombo por nos termos lembrado do nosso ovo.

Esta autocrítica é de bom senso, agora que nos demos conta – com a assumida superficialidade própria de jornalistas – do manancial posto à disposição de quem quer investigar. É tal que nos interrogamos: como foi possível nunca ninguém, mais habilitado do que nós, se ter deitado à execução da obra? Um espanto que, afinal, não é de agora. O autor desconhecido de *Ditos Portugueses Dignos de Memória*, sobre as frases dos portugueses do século XVI, também se interrogou acerca do mesmo, no Prólogo aos Leitores. Ele adiantou uma suspeição sobre essa ausência: os portugueses não gostam de valorizar o trabalho de outros portugueses. Ora a frase de alguém geralmente sublinha uma grandeza...

O autor de *Ditos...* até nos remete para um dos seus exemplos, para argumentar com autoridade essa explicação. Assim, lembra a resposta de D. Henrique de Meneses, filho do prior do Crato, dada quando era embaixador em Roma (entre 1534 e 1536), ao embaixador espanhol Cifuentes. Dizia este que os portugueses, quando interrogados sobre um compatriota, por mais eminente que este fosse, «sempre o aniquilavam». Já, os castelhanos, continuou Cienfuentes, perguntados sobre outro castelhano, mesmo vulgar, sempre o enalteciam. E rematava o embaixador espanhol interrogando-se porque seria assim... Respondeu-lhe D. Henrique: «Por mentirem ambos.»

Por ironia, o livro que o leitor tem agora nas mãos foi proposto por uma editora com costela espanhola a dois jornalistas portugueses.

Os reis e políticos têm aqui lugar por inerência mas também por mérito. Desde a fundação da nacionalidade até hoje, os actores da História surpreenderam-nos com frases que marcaram épocas e, por vezes,

se repetiram – quatro séculos antes do Marquês de Pombal, já o Mestre de Avis se preocupava em «soterrar os mortos e tratar os feridos» durante o cerco de Lisboa de 1384. Ainda ontem, no século XX, a rainha D. Maria Pia, Afonso Costa, Salazar, Humberto Delgado, Pinheiro de Azevedo ou Otelo Saraiva de Carvalho enriqueceram o património das frases que nos ficaram na memória. Hoje, Mário Soares e Cavaco Silva são dois exemplos dos que continuam a fazê-lo.

Muitas frases que se encontram nestas páginas são apócrifas, isto é, não têm autor certificado. A voz do povo atribuiu várias delas a determinados protagonistas – e nós respeitamos a vontade popular. No entanto, sempre que a autoridade das fontes permitiu dar o seu a seu dono, identificámos os legítimos autores. Além das frases lapidares, proferidas ou desabafadas por grandes vultos da História, lembram-se também as frases não menos marcantes mas que permaneceram anónimas e aquelas popularizadas por filmes e anúncios que estão na memória de todos, desde «Chapéus há muitos!» a «Palavras para quê, é um artista português...»

Para a determinação da origem e o enquadramento contextual foram preciosos não só os autores clássicos já referidos mas também as obras mais significativas da historiografia, desde as de Alexandre Herculano e Oliveira Martins, passando por Fortunato de Almeida e Damião Peres (a «História de Barcelos») até aos mais recentes *Dicionário de História de Portugal* (tanto os seis primeiros volumes dirigidos por Joel Serrão, como os três últimos coordenados por António Barreto e Maria Filomena Mónica), as *Histórias de Portugal* de Oliveira Marques e José Hermano Saraiva e os trabalhos monumentais de Veríssimo Serrão, João Medina e José Mattoso. Para não prejudicar a dinâmica da leitura, as notas e referências bibliográficas foram reunidas em apêndice ao texto principal.

«Onde a terra se acaba e o mar começa»

1572

Num livro sobre frases daqui, há que definir «aqui». Recorremos a **Camões**, que descreveu o país mais ocidental do continente europeu, assim:

«Eis aqui, quase cume da cabeça/ De Europa toda, o Reino Lusitano,/ Onde a terra se acaba e o mar começa [...]// Esta é a ditosa pátria, minha amada,/ À qual se o Céu me dá que eu sem perigo/ Torne, com esta empresa já acabada,/ Acaba-se esta luz ali comigo.»

No seu livro mais importante sobre a formação de Portugal, o geógrafo Orlando Ribeiro remete para o grego Estrabão que considerou o *Promontorium Sacrum* (Cabo de São Vicente, no actual Algarve) «o extremo ocidental não só da Europa mas de toda a terra habitada». Estrabão estava errado: o ponto mais ocidental do Continente é o Cabo da Roca, perto de Sintra, nos arredores de Lisboa. Segundo Orlando Ribeiro, a rudeza da terra, extrema e isolada, impressionou os antigos, que a povoaram de lendas. Desde o paleolítico, os primeiros grupos humanos percorriam os rochedos da costa recolhendo moluscos. No fim do período neolítico e no início da idade do bronze, surgiram «neste perdido Ocidente» os construtores de antas, a civilização megalítica cuja área coincide com o litoral atlântico da Península Ibérica, nomeadamente Portugal e a Galiza actuais.

«Mas», nota Orlando Ribeiro, «as relações desta civilização são menos com o centro da Ibéria ou com o Levante mediterrâneo do que com outras finisterras atlânticas – a Bretanha, o País de Gales, a Irlanda, a Escócia – prelúdio de uma vocação de remotos caminhos do mar. Parece que o navio foi então “um portador de religião” e de outras formas de cultura. E por alguma razão da terra, mais ponderosa que inexplicáveis coincidências, estes mesmos litorais serão os últimos redutos da ocupação céltica, fortemente marcada nas crenças e nos usos dos povos do Oeste peninsular.»

À civilização megalítica sucede a cultura dos castros, mais rude e arcaica. Ao contrário dos povos mediterrâneos, seus vizinhos no sul da própria península, os pastores montanheses que viriam a ser conheci-

dos por lusitanos comiam carne de cabra e faziam pão de bolota ou de castanha, em vez de cereais. Usavam a manteiga em vez do azeite e bebiam habitualmente cerveja, guardando o vinho para os banquetes cerimoniais. Os lusitanos compensavam muitas vezes as suas carências com ataques aos turdetanos, habitantes da bacia do rio Guadalquivir, e aos territórios de outros povos agrícolas do sul. O pastor e chefe de salteadores Viriato tornou-se o símbolo do conflito entre aqueles dois modos de vida opostos. Apesar da romanização (a partir do século I a. C.) e, mais tarde, da ocupação árabe (século VIII), «tudo leva a pensar que as invasões e transformações históricas não alteraram sensivelmente nem a composição nem a maneira de viver da gente que se abriga detrás dos seus pobres muros. Apartado pela rudeza das montanhas, pela fundura dos vales, pelo impraticável dos caminhos, aqui viverão ainda os descendentes da mais remota estirpe nacional».

Falamos, pois, do povo mais ocidental do Ocidente. Com tanta terra atrás, mas, também, com tanto mar à frente. Esses dois dados práticos e geográficos influenciaram muito as histórias que se seguem.